



Artigo Original

AS PERSPECTIVAS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUANTO A SUA COMPETÊNCIA PROFISSIONAL PARA ATUAR NO ENSINO BÁSICO

THE PERSPECTIVES OF THE ACADEMICS OF THE PHYSICAL EDUCATION COURSE ON THEIR PROFESSIONAL COMPETENCE TO WORK IN BASIC EDUCATION

Kissia Soares Santos¹, Vinícius Dias Rodrigues², Daniel Moraes Pimentel³, Eric Hudson Evangelista e Souza⁴

Data de Submissão: 01/08/2017 Data de Publicação: 06/06/2018

Como Citar: SOARES SANTOS, Kissia *et al.* AS PERSPECTIVAS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUANTO A SUA COMPETÊNCIA PROFISSIONAL PARA ATUAR NO ENSINO BÁSICO. **RENEFF**, [S.l.], v. 7, n. 10, p. 10 - 24, jun. 2018. ISSN 2526-8007. Disponível em: <<http://www.reneff.unimontes.br/index.php/reneff/article/view/164>>. Acesso em:

Resumo

Ao final da graduação o profissional de Educação Física deve estar qualificado, e sentir-se preparado para trabalhar os conteúdos da disciplina com os alunos dentro das escolas. O objetivo desse estudo é averiguar a perspectiva dos acadêmicos do curso de Educação Física quanto a sua qualificação acadêmica para atuar no ensino básico. Esse estudo caracteriza-se como qualitativo e foram utilizados dois grupos focais, composto por seis perguntas. A população foi constituída pelos acadêmicos do 8º período da Universidade Estadual de Montes Claros-MG do curso de Educação Física Licenciatura no campus de Montes Claros. Participaram da amostra dezenove acadêmicos do curso de Educação Física Licenciatura da Unimontes matriculados no oitavo período nos turnos diurno e noturno. A partir das questões do grupo focal e dos discursos dos acadêmicos foram desveladas as seguintes categorias: A Educação Física nas fases da Educação Básica; A transmissão do conhecimento docente para formação discente; Contribuição dos projetos de ensino, pesquisa e extensão na formação profissional; Proatividade na formação docente. A partir das análises dessas categorias foi possível perceber que o acadêmico de Educação Física possui competências profissionais para atuar no Ensino Infantil e Fundamental, mas não está preparado pra atuar com qualidade no Ensino Médio. Esse despreparo provavelmente se dá por defasagens em sua

¹Licenciada em Educação Física - UNIMONTES/MG

²Mestre em Ciências da Saúde - UNIMONTES/MG

³Graduando em Educação Física Licenciatura - UNIMONTES/MG

⁴Pós Graduado em Docência do Ensino Superior - FIPMOC/MG

formação causada pela falta de interesse e comprometimento do mesmo e de alguns professores.

Palavras-chave: Educação Física, Educação Básica, Formação Acadêmica.

Abstract

At the end of graduation, the Physical Education professional must be qualified, and feel prepared to work the contents of the discipline with the students within the schools. The objective of this study is to ascertain the perspective of the students of the Physical Education course regarding their academic qualification to work in basic education. This study is characterized as qualitative and two focal groups were used, composed of six questions. The population was constituted by the academics of the 8th period of the State University of Montes Claros-MG of the course of Physical Education Degree in the campus of Montes Claros. Participated in the sample nineteen academics of the Licentiate Physical Education course of Unimontes enrolled in the eighth period in the day and night shifts. From the issues of the focus group and the academic discourses the following categories were unveiled: Physical Education in the Basic Education; The transmission of teacher knowledge to student training; Contribution of teaching, research and extension projects in vocational training; Proactivity in teacher education. Based on the analysis of these categories, it was possible to perceive that the Physical Education student has professional competences to work in Primary and Secondary Education, but is not prepared to act with quality in High School. This lack of preparation is probably due to lags in its formation caused by the lack of interest and commitment of the same and some teachers.

Keywords: Physical Education. Basic Education. Academic Education.

Introdução

Educação é a orientação que um indivíduo recebe para adquirir conhecimento. Dentro das possíveis formas de educar está a educação escolar. Essa é dividida em ensino básico e superior. O ensino básico é composto pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio que tem como objetivo promover o desenvolvimento do aluno, permitindo a formação comum que é essencial para exercer a cidadania, para proporcionar o progresso no trabalho e em estudos futuros (BRASIL, 1997).

De acordo com a Lei de diretrizes e bases da educação nacional (1997) das três fases da Educação Básica, a Educação Infantil é a primeira, tendo como função a evolução global da criança até os seis anos, considerando a família, os sentidos intelectuais, sociais, psicológicos e físicos. A segunda fase é composta pelo Ensino Fundamental, com duração mínima de oito anos que busca a construção do cidadão. O Ensino Médio é etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos. É a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos.

Uma das formas usadas para organizar a Educação Básica é a divisão dos conteúdos a serem trabalhados através das disciplinas. De acordo com CONFED

(2002) a Educação Física é uma das disciplinas inseridas nas três fases do ensino. Na prática, ela não é um conteúdo obrigatório na Educação Infantil. Um exemplo disso é a ausência da Educação Física no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). Segundo Pereira e Moulin (2006), a Educação Física é um procedimento formal que utiliza a atividade física como meio educativo, proporcionando a evolução das capacidades afetivo-social, cognitiva das crianças e adolescentes por meio das danças, lutas, exercícios ginásticos e jogos.

É atribuída a essa disciplina diversas finalidades. De acordo com o Currículo Básico Comum (2014), a Educação Física como conteúdo da escola deve estar empenhada na criação de um ambiente escolar que propicie diversos saberes, uma boa vivência social e cultural, considerando as diversidades e as capacidades humanas, valorizando a arte, a estética e a personalidade de todos.

A Educação Física é desafiada a seguir quatro pilares da aprendizagem: conhecer e perceber, conviver, viver e ser. Dessa forma, o aluno tem a oportunidade de compreender seu corpo com todas as suas habilidades e limitações com autonomia; saber conviver consigo e com o outro, respeitando o meio ambiente; desenvolver a sua própria identidade com apropriação do corpo; aprender a desenvolver sua criticidade gradativamente; possibilitar conhecimento de todo o ambiente a sua volta; aguçar a curiosidade estimulando o espírito de pesquisador; ampliar as possibilidades do trabalho em equipe; perceber a responsabilidade como agente capaz de transformar o meio ambiente na sua preservação; educar para práticas prazerosas; aprender a viver de forma saudável e lúdica (MINAS GERAIS, 2014).

O professor tem responsabilidade de conduzir todo esse processo de aprendizagem fazendo as intervenções necessárias. A docência na Educação Física deve reconhecer, organizar, colaborar, planejar, orientar, ampliar, avaliar e ministrar as matérias que lhe competem em todas as fases da educação escolar (CONFEEF, 2002).

A prática pedagógica em Educação Física não deve estar voltada apenas para os aspectos biológicos. É necessária uma docência que contemple as capacidades concretas, intelectuais, afetivas e socioculturais do educando. O professor de Educação Física deve se organizar, preparando seu trabalho para subsidiar discussões, planejamentos e avaliações da prática de Educação Física (BRASIL, 1998).

O objetivo geral deste estudo foi investigar as perspectivas dos acadêmicos do curso de Educação Física quanto a sua competência profissional para atuar no ensino básico. Como objetivos específicos podemos citar: averiguar a perspectiva dos acadêmicos do curso de Educação Física quanto a sua qualificação acadêmica para atuar no ensino básico; investigar a participação da universidade nessa qualificação no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão sob a ótica dos acadêmicos do curso de Educação Física Licenciatura; investigar a participação do próprio acadêmico na sua qualificação.

Considerando que o professor de Educação Física deve qualificar-se e preparar-se a fim de possibilitar o desenvolvimento integral do aluno nos aspectos motores e socioculturais, surge a seguinte problemática: Quais as perspectivas do acadêmico do curso de Educação Física Licenciatura quanto a sua competência profissional para atuar no ensino básico?

Assim os resultados a serem encontrados servirão como base para que se faça uma reflexão da eficiência do processo de ensino, pesquisa e extensão, disponibilizando

os mesmos para os acadêmicos do curso de Educação Física Licenciatura. Espera-se que o olhar discente possa influenciar na melhoria das políticas educacionais da universidade na formação do professor.

Metodologia

O presente estudo é caracterizado como pesquisa de campo, com corte transversal, método descritivo e abordagem qualitativa. A população dessa pesquisa foi composta pelos acadêmicos (as) do 8º período da Universidade Estadual de Montes Claros/MG (Unimontes) do curso de Educação Física Licenciatura no campus de Montes Claros. A amostra não probabilística contou com a participação de dezenove acadêmicos (as) escolhidos por conveniência. Foram incluídos acadêmicos que estavam matriculados originalmente na turma (não pertenceram a turmas anteriores). Foram excluídos os participantes que não assinaram o termo de consentimento livre esclarecido ou faltaram no dia da coleta de dados.

Para identificar as perspectivas do acadêmico do curso de Educação Física Licenciatura quanto a sua competência profissional para atuar no ensino básico, foram utilizados dois grupos focais, compostos por doze acadêmicos do turno noturno e sete do diurno. Segundo Barbosa (1998) o grupo focal (GF) é formado por até doze pessoas cujo objetivo é buscar respostas qualitativas em profundidade. Nele, os participantes possuem alguma característica em comum tal como o nível de escolaridade.

No primeiro momento, a amostra foi escolhida através da acessibilidade do pesquisador. Em seguida foi feito o agendamento do horário e local comum a todos para realização do GF. Para coleta do GF foi utilizada uma sala na universidade e um gravador do celular Alcatel OneTouch POP C5. O desenvolvimento do GF aconteceu por meio de um roteiro elaborado pelos pesquisadores composto por seis perguntas abertas.

Na coleta de dados, houve um moderador que nessa pesquisa foi o próprio pesquisador. De acordo com Barbosa (1998) a conversa no GF é conduzida por um moderador. Cabe a ele estimular a interação entre o grupo, incentivando todos os presentes, evitando que um sobressaísse sobre os outros e procurando também manter a discussão dentro do assunto proposto.

Na sala onde foi realizada a coleta de dados, as cadeiras foram organizadas em círculo, utilizando um gravador no centro. Os acadêmicos não eram obrigados a responder nenhuma pergunta. Eles podiam discordar do que foi falado por outro colega durante sua fala. O GF contou com questões que serviram para nortear a conversa desenvolvida com os acadêmicos. Cada GF teve uma duração média de 30 minutos. Após a coleta, os dados foram salvos em um pen drive e posteriormente no computador, para transcrição e análise.

A coleta de dados ocorreu com autorização dos acadêmicos, através da assinatura do termo de consentimento esclarecido livre que foi entregue no dia da coleta. Os dados do estudo foram transcritos na íntegra e posteriormente analisados a partir dos estudos de Minayo (2001), utilizando a análise através de categorias.

Ao longo de todo o estudo, foram considerados os aspectos éticos para pesquisa em seres humanos conforme Resolução 466/2012. A coleta de dados ocorreu após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da

UNIMONTES. O parecer consubstanciado tem o número 1.866.567.

Resultados

A partir da questão norteadora do GF a seguinte categorias foram formadas: Educação Física nas fases da Educação Básica; A transmissão do conhecimento docente para formação discente; Contribuição dos projetos de ensino, pesquisa e extensão na formação profissional; Proatividade na formação docente.

A Educação Física nas fases da Educação Básica

É necessário considerar o aluno em todas as fases do processo, observando as particularidades, habilidades e interesse, do ponto de vista motor, afetivo, social e cognitivo. Dessa forma, esse é um caminho que possui fases com finalidades específicas (BETTI; ZULIANI, 2009). Essas fases são divididas dentro da Educação Básica (BRASIL, 2014).

Eu acho que o maior desafio e as fases mais complicadas de ser trabalhar são Ensino Infantil e Ensino Médio como a maioria aqui. Pelo fato que na Educação Infantil a Educação Física ser uma novidade né? No nosso município na Educação Infantil e por ser uma fase uma as crianças são mais dispersas então o professor ele vai ter que ter uma metodologia inovadora, uma metodologia bem atraente, pra, pra que essas aulas atraiam a atenção dessas crianças, e é um desafio que até a própria literatura tem muita pouca coisa relacionada a, a essas práticas pedagógicas na literatura infantil. E em relação ao Ensino Médio no que diz respeito por ser uma fase que eles estão muito envolvidos com as inovações tecnológicas, com celular, com internet [...] essas fases vão ser bem desafiadoras (Acadêmico14).

O Ensino Infantil exige que o professor de Educação Física compreenda a criança como um ser humano em processo de desenvolvimento, com necessidades e cuidados. A criança tem no seu desenvolvimento evolutivo características como a autonomia, criticidade, criatividade e solidariedade. O maior desafio será reconhecer o nível de desenvolvimento e entendimento das crianças, pois dessa forma o professor saberá propor as atividades adequadas e as crianças conseguirão desenvolvê-las (BURGER; KRUG, 2009).

Com relação ao Ensino Médio é imprescindível conhecer os alunos e suas necessidades, para abordar conteúdos que contemplem a Educação Física e despertem o interesse nessa idade (BETTI e ZULIANI, 2009). Muitas vezes o docente demonstra dificuldade em trabalhar com essa fase pela falta de interesse dos alunos em participarem das aulas de educação física e por serem alunos mais críticos (MARTINELLI et al., 2006).

De acordo com Betti e Zuliani (2009), o Ensino Médio requer cuidados especiais. Esses autores afirmam que nessa fase os adolescentes possuem critérios com perspectivas críticas, não conferem valor à Educação Física, as atividades físicas perdem prestígio e o interesse dos adolescentes passa por questões como sexualidade, trabalho, vestibular.

A Educação Física, dentro do Ensino Médio, deve possuir características distintas e inovadoras, levando em consideração a fase afetiva, social e cognitiva do

educando. Isso não significa perder sua identidade, sem deixar de lado a integração com a cultura corporal de movimento. Deve-se propiciar ao aluno atividades que ele valorize e considere importantes (BETTI; ZULIANI, 2009).

Eu estou mais preparada para atuar com Infantil e Fundamental. Já Ensino Médio eu tive mais facilidade pra dar aula. Trabalhando com temas de, temas da, tipo assim do cotidiano deles, do interesse deles, no caso, então a gente não teve muita dificuldade pra poder da aula pra eles que é uma coisa que eles interessavam. Se a gente for trabalhar coisas que vem se repetindo desde o Ensino Fundamental até no Médio, eles nunca vão querer participar das aulas (Acadêmica 7).

Na fase do Ensino Médio, a Educação Física deve proporcionar o suporte para novas predileções, não se limitando apenas à reprodução do modelo anterior, entendendo assim, que não se deve apenas aprofundar os conteúdos já trabalhados, propostos através do programa de Educação Física para o Ensino Fundamental em seus últimos quatro anos (BETTI; ZULIANI, 2009).

[...] A questão do Ensino médio. Não que o Ensino Médio seja difícil de trabalhar, mas sim porque eles já não estão em uma fase que aquelas coisas de jogar bola de atividade física de brincadeira, já estão adultos suficientes para não fazer aquilo. Só que vai do professor, da metodologia de cada professor, porque dentro dos conteúdos dos PCN's e CBC's apresenta vários temas transversais que são de ótima aptidão para ser trabalhado. Porque eu como é aluno do Ensino Médio algum professor, alguma hora outra passava algum tema transversal, naquele momento eu não sabia o que era tema transversal, hoje estudando eu sei, e aquilo prendi muito o aluno, mostra a realidade dele mesmo. Temas sexuais, Educação Física e saúde, alimentação, e isso é dúvida do próprio aluno do Ensino Médio, então isso prendi o aluno, e então Educação Física não é ser isso de prática esportiva e também essas partes dos temas transversais também (Acadêmico 3).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1998) consideram imprescindível que os conteúdos da Educação física trabalhem contemplando os Temas Transversais e suas demandas sociais. Eles ainda afirmam que a promoção de temas sociais é importante para a formação cidadã do aluno, permitindo assim que o mesmo adquira conhecimento e reflexão. O professor deve trabalhar didaticamente possibilitando o entendimento da complexidade e dinâmica dos temas, dando a essas questões o mesmo valor das áreas convencionais.

Os temas transversais podem ser trabalhados de maneira flexível, considerando o contexto de cada região, localidade e suas diferentes realidades. Sendo ministrado um conjunto de temas: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual (BRASIL, 1998).

Nesse contexto social, Galvão (2009) diz que o professor exerce um papel singular na escola, pois ele faz a união entre o contexto da escola e da sociedade, a ligação entre o ambiente interno e externo, dinamizando o conhecimento do aluno. Não é suficiente que o discente aprenda apenas competências motoras e desenvolva aptidões físicas nas aulas de Educação Física. Esses conhecimentos são importantes para o aluno, mas não são suficientes. Se o estudante adquire conhecimentos técnicos e táticos de esportes coletivos é necessário que o mesmo seja instruído para saber

organizar-se socialmente. Para aplicar esses conhecimentos, é preciso que ele entenda as normas como um componente que torna o desenvolvimento do jogo possível. Portanto, é preciso ensinar o aluno a aplicar e interpretar as regras (BETTI; ZULIANI, 2009).

De acordo com Silva e Bracht, (2012) os professores que trabalham nesse contexto são denominados inovadores. Buscam sempre a inovação dos conteúdos da Educação Física, propondo novas manifestações de cultura corporal de movimento. Eles preocupam com saberes antropológicos, sociológicos e fisiológicos e com a ligação desses conhecimentos na prática com a teoria.

Conforme Fensterseifer e González (2010), no estado de disciplina escolar, a Educação Física tem o papel de capacitar seres críticos, possibilitando a eles a independência quanto à cultura corporal de movimento, além de contribuir para a formação política do indivíduo, abastecendo os mesmos com ferramentas que permitam o exercício da cidadania.

Na realidade atual da Educação Física escolar a prevalência é de dois profissionais. O professor tradicional que segue um modelo de educação da década de 70 e 80. Esse acredita que seu papel é ensinar a prática de esporte, limitando-se a cinco esportes: futsal, voleibol, futebol, handebol e basquete. Eles se organizam através de bimestres, ensinando das técnicas mais simples até as mais complexas, para serem utilizadas dentro do jogo (SILVA; BRACHT, 2012).

A outra prevalência é do professor conhecido como “rola bola” com a pedagogia da sombra. Eles se preocupam meramente com a ocupação do tempo dos alunos dentro de suas aulas, deixando-os envolvidos com alguma atividade. As aulas passam a ser consideradas como momento de recreação ou opressora do tédio produzido por outras disciplinas da escola (SILVA; BRACHT, 2012).

[...] a maior dificuldade é burlar o sistema que foi imposto pelos próprios professores né? E já que a Educação Física o convencional que todo mundo consegue ter nas escolas públicas é o chamado “rola bola”. Então eu acho que a maior dificuldade que a gente encontra, é se realmente a gente for querer colocar em prática aquilo tudo aquilo que é para ser trabalhado e deve ser trabalhado dentro da escola, é a maior dificuldade é puxar esses alunos, tirar da cabeça deles essa visão que eles tem da Educação Física e conseguir implantar um bom método que é um método correto a ser trabalhado (Acadêmico 6).

Para Lovisolo (1996) o profissional de Educação Física pode valorizar sua imagem diante do seu trabalho, mostrando através das suas aulas que a Educação Física contribui de maneira efetiva com a dinâmica escolar. Em algumas situações a imagem negativa se sobrepõe ao trabalho do professor, desvalorizando a disciplina.

[...] mas a minha opinião é que a principal dificuldade que eu vou ter, que eu encontrarei no mercado de trabalho vai ser em relação a desvalorização da disciplina, tanto quanto a desvalorização da profissão, tanto quanto a desvalorização dos colegas de trabalho, em considerar a disciplina menos importante [...] (Acadêmico 16).

Segundo Lovisolo (1996), a única forma de valorizar a Educação Física é o trabalho com qualidade. A busca dessa qualidade é um processo árduo, exige

organização dos profissionais, um trabalho a partir de suas verdades em relação aos princípios sociais comuns.

[...] a maior dificuldade é fazer os alunos e funcionários da escola entender e reaprender o conceito de Educação Física. Porque o conceito de Educação Física que aprendemos aqui na universidade é totalmente diferente do conceito que eles têm dentro da escola, que é simplesmente brincar e distrair das demais matérias. E Educação Física não é só isso, ela é bem maior que isso (Acadêmico 3).

O entendimento do que é Educação Física e sua finalidade dentro da escola devem ser revistos junto com a transformação da prática pedagógica. É necessário encarregar-se do papel de formar cidadãos capazes de assumir opiniões críticas diante de novas práticas de cultura corporal de movimento como o esporte-espetáculo, veiculados através dos meios de comunicação, as atividades realizadas nas academias, os exercícios alternativos, sempre lembrando que a escola brasileira não tem a mesma estrutura presente em academias e clubes até por possuir outra função (BETTI; ZULIANI, 2009).

Como componente do currículo da Educação Básica, a Educação Física deve apropriar-se de uma outra função: inserir e incorporar o estudante na cultura corporal de movimento, educando o cidadão que irá criá-la, reproduzi-la e transformá-la, incluindo-o para desfrutar do jogo, ginástica, esporte, atividades rítmicas e dança, prática de aptidão física, privilégios da qualidade de vida (BETTI; ZULIANI, 2009).

A transmissão do conhecimento docente para formação discente

A universidade é compreendida como serviço de educação que é concretizado através da investigação e da docência. Sua função pode ser organizada na elaboração, desenvolvimento, difusão e crítica da ciência, da experiência e da cultura, habilitação para a execução de atividades profissionais que necessitem de conhecimentos e procedimentos científicos para a criação artística, auxílio científico e técnico ao aperfeiçoamento econômico e social das sociedades (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2003).

A docência exige uma formação profissional para sua execução. Os saberes específicos para executá-lo adequadamente ou, pelo menos, a obtenção dos conhecimentos e capacidades ligadas à atividade docente para melhorar sua qualidade. A docência universitária requer a inseparabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Faz parte dessa característica integradora a elaboração do conhecimento como sua socialização (VEIGA, 2006).

É, como em todo lugar dar para perceber que tem pontos negativos e positivos dentro da minha formação. Eu acredito que teve mais pontos positivos, eu tive grandes, altos professores capacitados, interessados em passar seu conhecimento aos alunos, mas como também o sistema não deixa de colocar aqueles professores também “rola bola”, acaba que você também acaba tendo um parâmetro, e conhecendo qual a diferença de um bom profissional e de um mal profissional, isso aí que teve essa diferença (Acadêmico3).

De acordo com Bracht (2013) existe um desinvestimento pedagógico na Educação Física. Esse termo é utilizado para se referir aos professores que limitam suas

práticas pedagógicas em estar apenas presente nas aulas; chistosamente conhecidos como o professor de “rola-bola”.

Eu acho que né? Como toda graduação a gente tem exemplos bons e exemplos ruins, isso é uma realidade né? Ainda mais se tratando de Brasil. É eu acredito que a gente tem que levar isso pra quando a gente tiver atuando mesmo de forma efetiva no mercado de trabalho como exemplo, a não seguir o exemplo ruim e dar sequência naquilo que foi exemplo bom. Pegar aqueles professores que não foram comprometidos e serem, nós sermos comprometidos naquilo que a gente se propuser a fazer, porque acredito muito que a com a Educação Física a gente pode mudar a vida das pessoas, e além de objetivos financeiros, pessoais, eu acho que a gente tem que ter um objetivo de vida, comprometimento (Acadêmico 14).

Dentro da universidade, é possível ser designado para aulas de uma área que não é específica daquele profissional. Esses professores não tem a qualificação adequada para desenvolver os conteúdos propostos por aquela disciplina. Mesmo que o profissional estude o que lhe é proposto, ele não terá o conhecimento de um professor que se formou para trabalhar com aquele conteúdo. Assim, algumas aulas perdem a qualidade, propiciando defasagem na formação do acadêmico;

Os professores “rola bola”, no ensino superior, podem transmitir uma postura inadequada aos acadêmicos, que são professores em formação demonstrando dentro da academia uma desvalorização da disciplina. Muitos profissionais que saem para o mercado de trabalho não sabem a importância da Educação Física na escola (SILVA; BRACHT, 2012).

No exercício da docência, como profissional que presta um serviço para a sociedade, o docente universitário necessita atuar profissionalmente como um professor crítico, reflexivo, e competente quanto aos conteúdos e saberes remetentes a sua disciplina. É seu dever ampliar e desenvolver um saber político e pedagógico no discente, permitindo ao professor, através de uma prática educativa, a elaboração da consciência, em um mundo globalizado, contraditório e complexo. O docente e o discente conscientes criam sujeitos da educação (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2003).

Contribuições dos projetos de ensino, pesquisa e extensão na formação profissional

De acordo com Maschio et al. (2008), o acadêmico torna-se de fato um profissional da educação quando passa a intervir na escola, procedendo efetivamente como parte principal na concepção, assistência e avaliação do seu próprio ofício.

Para se tornar um profissional, é necessário passar por uma formação, procedimento considerado um obstáculo para se tornar um professor e saber ensinar. A formação é interativa, não leva em consideração apenas o lado técnico, muito menos uma abordagem academicista. Dessa forma exige do estabelecimento de ensino e do seu corpo docente uma sistematização e preparação teórico-metodológica e didático-pedagógica, possibilitando que os mesmos exerçam com competência seu papel profissional. Para que isso aconteça é necessário que os docentes e os futuros docentes passem por várias esferas de formação, práticas, experiências e aprendizados relacionados com sua futura profissão (MASCHIO *et al*, 2008).

É importante estimular o acadêmico na participação de eventos, e atividades extraclasse, a fim de vivenciar novos conhecimentos que lhe possibilitem participar de ações de ensino, pesquisa e extensão, projetos de ensino que aproximem o estudante da realidade do mercado de trabalho, pois através dessa diversidade de experiências o aluno compreende sua predileção profissional (MASCHIO *et al*, 2008).

Um aspecto que assim, como faz parte da universidade eu vou citar o PIBID, até porque o PIBID para mim foi muito importante para minha formação, porque a partir dele eu consigo ver o curso de Educação Física com bons olhos como o quatorze falou a Educação Física pode mudar a vida sim, a gente tem que olhar para aquelas pessoas que pensam de maneira diferente, ter um olhar para mim de maneira mais bonita né, melhor dizer (Acadêmico 14).

O PIBID (Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência). Nele o acadêmico participante possui um convívio real com seu campo de trabalho, aprendendo a lidar com os problemas vivenciados pela Educação Física, com suporte de profissionais já formados e experientes. Esse programa permite aos acadêmicos vivência prática, além de aprimorar as capacidades adquiridas no âmbito universitário (GATTI, et al., 2014).

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, com certeza consiste numa das opções com grande potencialidade para robustecer a formação inicial, levando em conta a ligação entre os conhecimentos adquiridos e os produzidos na universidade que se entrelaçam nas escolas. O conhecimento real do professor em prática na Educação Básica é importante, pois enriquece a formação inicial e profissional do futuro discente, bolsista do programa, pois esses estão em contato direto com o que acontece na realidade escolar, vividas diariamente pelos discentes do ensino Fundamental e Médio (SARTORI, 2009).

Ao meu ponto de vista o que faltou foi viver mais o curso fora da sala de aula, porque teve muitas extensões, muitas palestras, muitas eventos que eu poderia ter participado, mas que eu não fui, e que hoje eu vejo que pode fazer falta para mim, porque a vivência fora da universidade ela também é muito importante, ela ajuda, às vezes até mais importante porque é uma vivência prática e diária, então eu acredito que pode vim a me fazer falta (Acadêmico 8).

Segundo Nóvoa (1992), a formação do discente não se estabelece cumulativamente, mas incessantemente por meio de ações e aplicação de reflexão dos saberes adquiridos no período de formação acadêmica. A atuação em projetos de ensino, pesquisa e extensão é entendida por Maschio et al (2008) como um elemento fundamental na vida acadêmica para formação inicial e desenvolvimento profissional do professor, pois ela permite aprender novas formas de ensinar e compreender a profissão de professor. Ela se torna importante até para os professores já formados, pois há uma troca de informação entre o acadêmico e o professor, ambos são convidados a repensar seus pontos de vista, compreensões, entendimentos e certezas.

Os eventos científicos perpetuam na comunidade científica informalmente. A participação nesses eventos permite um vasto acesso a conhecimentos da sua área profissional, além da troca de experiências entre os participantes e os pesquisadores (RIBEIRO, 2005).

Proatividade na formação docente.

O ambiente universitário contribui para o avanço cognitivo e afetivo. Favorece também esse desenvolvimento a forma como o professor propicia o desenvolvimento de atividades de aprendizagem, a sistematização curricular e o contexto acadêmico no geral. Todos esses elementos são importantes para a motivação do acadêmico. Dessa forma compreende-se que as ações do professor são elementos informativos que determinam a conduta, comprometimento, a forma de pensar e o nível de esforço esperado pelo discente. (DOS SANTOS et al., 2011)

[...] A questão dos professores desqualificados para dar aula para gente, e nós como acadêmicos tem, é quando, a gente tem que tá aqui pra adquirir conteúdo, quando o professor não passava o conteúdo e a gente sabia que ele não estava passando o conteúdo de forma correta, o papel nosso era ir na coordenação e falar, buscar de alguma forma tentar resolver esse problema, a gente muito acomodado não buscou essa questão, e isso influenciava e vai influenciar no caso quando a gente for da aula, porque se a gente não dominou aquele conteúdo, vai ser prejudicial para gente no futuro. Então eu acho que faltou um pouco, falando da turma em geral, a nossa turma foi uma turma que faltou um pouco de ter essa atenção de buscar mais querer aprender, aprender, aprender mais. Porque quando os professores não dava aula a gente fica acomodado e não buscava tentar resolver essa questão dos professores que não davam aula (Acadêmico 5).

Em uma perspectiva construtivista, o conhecimento e o saber são constituídos por si só, através da organização e interpretação das experiências vivenciadas. Dessa forma cada pessoa adquire capacidades cognitivas individuais para pensar, conhecer, raciocinar, planejar, saber e decidir. Essas necessidades são chamadas de invariante. Dessa forma o conhecimento humano consiste em uma série de invariantes criadas de acordo com suas experiências. Entende-se assim que o ser humano é um receptor de conhecimento ativo, gerador de conhecimento (CHIAVENATO, 2008).

Como acadêmico eu acho que faltou da minha parte mais e esforço, interesse nem tanto, esforço em querer aprender e conhecer mais sobre as disciplinas eu não acho que eu fui um mau aluno, eu acho que eu fui um aluno preguiçoso, não sei se foi por minha culpa ou se foi por culpa dos professores que não puxaram mais de mim, é quanto a isso é faltou isso, faltou mais interesse da minha parte buscar mais livro, ler mais artigos, sentar todos os dias, um dia pensar o que tem para fazer, tem isso, tem isso para se preparar cada vez mais e não ficar só naquilo que os professores passam, porque eles passam o conhecimento deles só em um parte, mas eu acho que a maioria das partes os outros 50% tem que ser do aluno, se eu quero eu tenho que buscar, eu tenho que ir na biblioteca eu tenho que ler. Então, faltou isso na minha formação (Acadêmico 3).

De acordo com Bolzan, Isaia e Maciel (2013), a formação docente não deve ficar restrita à sistematização do ensino e seus desdobramentos. É necessário antes de tudo, mobilizar o discente quanto à continuidade da aprendizagem, em diferentes circunstâncias de atuação. Os autores afirmam que isso significa refletir sobre a prática pedagógica, entender as dificuldades do ensino, analisar os currículos, compreender as influências dos materiais didáticos nas definições pedagógicas, relacionar a elaboração

e troca de experiências, de forma que avance rumo ao aprendizado, em um contínuo exercício de prática colaborativa, refletida e solidária.

Da minha parte faltou interesse, faltou comprometimento e não faltou interesse é em certas partes né? Faltou comprometimento como eu falei, me dedicar mais, o curso ele não fica só aqui na universidade, aqui na Unimontes, ele vai pra casa tem que estudar tem que dedicar, e essa parte aí eu deixei a desejar, eu sei não vou inventar desculpa ne, é isso aí (Acadêmico 6).

As características de um bom aluno estão ligadas a fatores cognitivos, comportamentais, familiares, afetivos, entre outros. De acordo com o núcleo central das representações sociais estudadas, o bom aluno apresenta as seguintes características: atencioso, curioso, participativo, estudioso, questionador, responsável e interessado. A existência dos termos curioso, participativo e questionador ressaltam o paralelo com os discursos da literatura pedagógica, também das políticas educacionais contemporâneas, ressaltando que o discente é um indivíduo ativo em busca do entendimento e do saber (DE LIMA; MACHADO, 2012).

Conclusão

A conclusão aqui descrita compreende exclusivamente a perceptiva do grupo estudado, não refletindo uma situação generalizada para a percepção de todos os acadêmicos do curso de Educação Física da Unimontes, mas não deixa de trazer apontamentos importantes.

Com relação às dificuldades que os futuros profissionais irão encontrar no mercado de trabalho, a que mais preocupa os acadêmicos é a desvalorização da imagem da Educação Física na escola, uma vez que em sua maioria, os professores não se preocupam com o desenvolvimento dos alunos e são caracterizados como “professores rola bola”. Esses não trabalham os conteúdos propostos pelo CBC e pelo PCN, transmitindo a imagem de uma disciplina escolar sem objetivos e importância para os alunos e a escola. Alunos que consideram a Educação Física como passatempo, um segundo recreio, resistem às mudanças propostas pelos bons professores, desmotivando a continuidade do processo. A única forma de fazer com que toda a escola entenda o verdadeiro significado da Educação Física é fazer um trabalho de qualidade, demonstrando a importância da disciplina para escola.

Referente à participação da universidade na qualificação no âmbito do ensino, concluímos através dos resultados encontrados que a universidade possui um corpo docente qualificado, mas também professores desqualificados. Os professores qualificados e competentes se preocupam com a aprendizagem do aluno, transmitem o conhecimento necessário para a formação profissional do mesmo; já os professores desqualificados não se preocupam com a transmissão de conteúdos, muitas vezes não estão presentes em sala de aula, passam qualquer atividade apenas para ocupação do tempo dos acadêmicos, não cumpriam a carga horária da sua disciplina, prejudicando a formação integral e profissional do acadêmico. Ainda sobre o ensino, a participação do PIBID na formação acadêmica da docência é importante, pois através dela, os acadêmicos adquirem conhecimentos e experiências próximas à realidade do seu campo de trabalho, aperfeiçoando os conhecimentos adquiridos na sua formação.

No que se refere à pesquisa e extensão na universidade, concluímos que mesmo com grupos de pesquisa, fóruns e palestras, o acadêmico do curso de Educação Física demonstra pouco interesse em participar dos mesmos, ficando uma lacuna na sua formação profissional, uma vez que essas atividades permitem ao acadêmico uma vasta troca de experiência com pesquisadores da sua área de formação, além da aquisição de novos conhecimentos.

No que diz respeito à participação do próprio acadêmico em sua formação, concluímos que mesmo interessados em concluir o curso, os discentes se mostram descomprometidos com a formação profissional, não se dedicando por completo ao curso. Os discentes ficam acomodados quando acreditam que os professores não estão qualificados e empenhados em repassar conhecimento para sua formação profissional e se limitam apenas ao que era proposto dentro da universidade. Não buscam complementar o conhecimento.

De maneira geral, concluímos que o acadêmico de Educação Física possui competências profissionais para atuar no Ensino Infantil e Fundamental, mas não está preparado para atuar com qualidade no Ensino Médio. Possui defasagens em sua formação causada pela falta de interesse e comprometimento do mesmo e de alguns professores.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O presente trabalho apresenta algumas limitações que devem ser levadas em consideração principalmente no que tange ao foco em apenas uma Instituição de Ensino e a não realização de um cálculo amostral para verificar a quantidade de entrevistados que refletiria o universo dos estudantes do curso de Educação Física Licenciatura. Essas questões limitam a conclusões encontradas. Apesar disso o estudo tem grande relevância para que a forma de ensino bem como a postura dos acadêmicos frente a sua formação seja repensada. Estudos futuros podem contribuir ainda mais com os achados deste estudo.

Referências

- ALMEIDA et. al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.
- BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. Educativa, out, 1998.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.
- BOLZAN, Doris Pires Vargas; ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar; MACIEL, AM da R. Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 49-68, 2013.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 16 Abr. 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96** - 24 de dez. 1996.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara>>. Acesso em: 16 Abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998 a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf_esp_ref.pdf>. Acesso em: 16 Abr. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 114 p. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 16 Abr. 2017.

BURGER, L. C.; KRUG, H. N. Educação Física Escolar: Um olhar para a Educação infantil. **Revista Digital Buenos Aires**, v.13, n.130, 2009.

CHIAVENATO, Idalberto. **Os novos paradigmas: como as mudanças estão mexendo com as empresas/ Idalberto Chiavenato**. 5.ed.rev. e atual.- Barueri, SP: Manoel,2008.

CONFED - Conselho Federal de Educação Física. **Resolução CONFED no 046/2002**. Rio de Janeiro: CONFED, 2002. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=91>. Acesso em: 16 Abr. 2017.

DE LIMA, Andreza Maria; MACHADO, Laêda Bezerra. O “bom aluno” nas representações sociais de professoras: o impacto da dimensão familiar. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, 2012.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; MOGNON, Jocemara Ferreira; LIMA, Thatiana Helena de; CUNHA, Neide Brito. A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, p. 283-290, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n2/v15n2a10.pdf>>. Acesso em: 15 Mar. 2018.

RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva. A contribuição da extensão comunitária para a formação acadêmica em fisioterapia. **Fisioterapia e pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 22-29, 2005.

GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, 2009.

GATTI, B. A. Os professores e sua identidade: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 57, 2014.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.

LOVISOLO, Hugo. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física**. v. 3, n. 2, p. 52, dez. 1996.

MASCHIO, Vanderléia. SILVA, Alexandra Rosa. BASEI, Andréia Paula. ILHA, Franciele Roos da Silva. KRUG, Hugo Norberto. **Pesquisa, ensino e extensão na formação inicial dos professores de Educação Física: contribuições ao desenvolvimento**

- profissional.** Seminário Internacional de Educação (SIEDUCA), XIII, p. 01-09, 2008.
- MINAS GERAIS- Secretaria de Estado de Educação. **CBC Educação Física - Ensino fundamental** (2014).
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NÓVOA, Antônio. A formação de professores e profissão docente. **Os professores e sua formação docente.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PEREIRA, Mario de Moura; MOULIN, Alexandre Fachetti Vaillant. **Educação Física para o Profissional Provisionado.** Brasília: CREF7, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; CAVALLET, Valdo José. **Docência no Ensino Superior: construir caminhos.** In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Ed.UNESP.2003.
- SARTORI, J. **Formação de professores: conexões entre saberes da universidade e fazeres na educação básica.** In: Anais do II Encontro Institucional do PIBID UFRGS/Porto Alegre, 01 e 02 de março de 2011.
- SILVA, Mauro Sérgio; BRACHT, Valter. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, v. 30, n. 1, 2012.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência universitária na educação superior. Docência na Educação Superior.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, 2006.